

# Gyorg Lukács, *socialismo e democratização* – escritos políticos 1956-1971

JOSÉ PAULO NETTO E CARLOS NELSON COUTINHO (Orgs.)  
*UFRJ, 2008.*

*Ester Vaisman\**

Depois de publicar a coletânea *O jovem Marx e outros escritos de filosofia* de G. Lukács, a Editora UFRJ traz a público uma nova coletânea, dessa vez consagrada aos “escritos políticos” do filósofo húngaro relativos ao período que vai desde o ano da realização do XX Congresso do PC da URSS até o ano da morte do autor.

Se a primeira coletânea traz importantes artigos inéditos em português, a presente reunião de textos se reveste de importância fundamental, tendo em vista o caráter sinuoso e polêmico da longa trajetória teórico-política de Lukács. Trajetória na maior parte das vezes mal compreendida e relegada à suspeição.

José Paulo Netto, logo nas primeiras linhas de sua “Introdução: sobre Lukács e a política”, reitera mais uma vez que “Lukács jogou todo sentido de sua vida, a partir de 1918, quando ingressou no Partido Comunista húngaro, na elaboração de uma obra inscrita na vertente do que ele designou como *marxismo ortodoxo*, um marxismo visceralmente distinto do marxismo vulgar, então dominante e generalizado pela Segunda Internacional” (p.7). Sem dúvida, não há como negar que ao lançar tal tese em seu livro *História e consciência de classe*, diga-se de passagem, sua obra mais afamada, Lukács tentou, mesmo em seus textos de transição ao marxismo, que quase cinquenta anos depois ele veio a renegar, um

---

\* Professora de Filosofia da UFMG.

conjunto de teses que visavam a recuperar do atoleiro economicista o efetivo pensamento transformador. Mas os textos da coletânea não estão voltados a esse período, por mais importante que ele tenha sido na vida de Lukács ou para os rumos do socialismo. A lembrança de Netto em relação a esse período inicial da formação marxista de Lukács tem por intento demonstrar ao leitor que no caso do autor em tela “a sua obra filosófica e estético-crítica elaborada a partir de 1918, *sem prejuízo de suas especificidades teóricas*, está saturada de entonação política” (p.8). Netto sublinha a orientação de fundo que justifica a própria coletânea nos seguintes termos: “... a obra marxista de Lukács, em que pesem os giros efetuados pelo filósofo desde 1918, jamais esteve, do ponto de vista essencial, alheia à dimensão política” (p.8), tese que permite Netto afirmar poucas linhas adiante de que há no conjunto da obra de Lukács “... um estrato que, indiscutivelmente, pode ser caracterizado como eminentemente político, refigurando um processo de acúmulo que articulará a concepção política madura de Lukács” (idem).

Tese polêmica, sem dúvida, que os limites de uma resenha não permitem discutir a fundo. Por isso, o que basta aqui é indagar: por que considerar como “giros” certas clivagens fundamentais que o pensamento lukácsiano sofreu em sua longa e controvertida trajetória? Por que insistir na tese de que, embora Lukács não tenha sido “um pensador sobre a política”, foi “um pensador político”? A quem Netto pretende responder com, diga-se de passagem, tão séria e contundente afirmação? Seria tão vital Lukács, em algum momento de sua trajetória, ter-se voltado à elucidação de uma teoria do Estado, da esfera política e, assim por diante, de temas que alguns teriam já denunciado como ausentes não apenas no filósofo húngaro, mas também no próprio Marx? Essas supostas “lacunas” teriam tornado tais figuras menos importantes nesse e em outros quesitos? E por que tal quesito seria assim tão fundamental e decisivo? Se for para seguir os próprios passos de Lukács da maturidade, por que o território da política é tão decisivo em termos ontológicos?

A partir do item 2 de sua “Introdução”, Netto elabora um roteiro rigoroso das concepções políticas que Lukács nutriu e divulgou ao longo de vários anos. Tal roteiro permite ao leitor visualizar de modo amplo as várias “trincheiras” nem sempre exitosas em que Lukács atuou.

Mas a questão mais polêmica é aquela que diz respeito às relações de Lukács com o stalinismo. Das referências protocolares a Stalin em *A destruição da razão* à crítica do taticismo stalinista que perpassam a *Ontologia do ser social* e o texto, a meu ver mais importante da coletânea traduzido como “O processo de democratização”, passando por seu posicionamento no mínimo dúbio em relação aos expurgos da década de 1930, o que temos? Invariavelmente, posições que não levam em conta rigorosamente a letra de Lukács e as condições próprias de seu tempo. Deixam-se de lado, na maior parte das análises sobre o assunto, com raríssimas exceções, os próprios textos de Lukács e as condições constritoras em que viveu e atuou. Lukács era um homem de seu tempo, como qualquer um de nós, e não há justificativa possível para aquelas posições muito em voga de

considerá-lo alguém que se submeteu sem mais às imposições do partido, já um reflexo de sua submissão sem peias à objetividade! Aqui o político seria explicado por suas posições teóricas!

Como dito linhas acima, o texto mais importante da coletânea, elaborado em paralelo à redação de *Ontologia do ser social*, evidencia um Lukács maduro, cômico dos problemas resultantes das transições tentadas; um Lukács que, voltando-se sobre textos do próprio Marx, em que as relações da esfera política e a esfera social propriamente ditas são recuperadas em seu devidos *loci* genéticos, o que possibilitou a Lukács esbarrar na análise da natureza ontológica da política. A tese que sustenta, ou seja, a democratização da vida cotidiana, uma tentativa desesperada, já no fim da vida, de reviver a experiência dos conselhos, que ele próprio experienciou na Hungria de 1919, e, assim, reformar o “socialismo então existente”, ao superar e corrigir as deformações introduzidas por Stalin e os stalinistas.

Os textos que fazem parte da coletânea são: “Meu caminho para Marx”, que, como explica Coutinho, “constitui uma exceção, já que sua primeira parte foi escrita em 1933 ... Como o pós-escrito é de 1957, justifica-se a inclusão das duas partes do texto”. Vale a pena aduzir também que não é a primeira vez que tal texto foi publicado no Brasil, já que a Editora Ensaio publicou-o em 1987 na coletânea intitulada *Marx hoje*. O segundo texto leva o título de “A luta entre o progresso e a reação na cultura contemporânea”, escrito pouco tempo antes da intervenção soviética na Hungria. “O processo de democratização” é o terceiro. Ainda segundo Coutinho, “a decisão do velho filósofo, então com 83 anos, de escrever um texto sobre a democracia no socialismo foi muito provavelmente motivada pela invasão da Tchecoslováquia pelas tropas do Pacto de Varsóvia, em 1968” (p.33). Aqui ao leitor um alerta: a expressão *democracia no socialismo* não faz jus à proposta de Lukács no referido texto. Muito ao contrário. *A democracia socialista*, de acordo com Lukács, “enquanto forma **social** (grifo meu)”, portanto não política, “de passagem ao ‘reino da liberdade’, tem precisamente a tarefa de superar esse dualismo” (p.168). Que dualismo? O dualismo típico entre o *homme* e o *citoyen* da democracia burguesa. Portanto, longe de pensar a democracia como uma forma a-histórica, o esforço de Lukács nesse importante texto é, de um lado, mostrar e criticar as formas históricas da democracia, notadamente a burguesa e, de outro, propor que “ao contrário da democracia burguesa com seu *citoyen* idealizado, o sujeito da democracia socialista – até mesmo em seus inícios revolucionários – é o homem material da cotidianidade. Mas é óbvio que não se trata aqui da canonização daquele *homme* material que, na estrutura dualista da sociedade burguesa e nela ineliminável, é contraposto ao *citoyen*” (idem). É o quanto basta para esclarecer que a democracia que se trata é aquela bem específica em que a divisão e a separação entre as esferas política e social são superadas, em favor da reabsorção da primeira pela segunda.

Depois desse necessário volteio, os dois textos que fecham a coletânea são: “Para além de Stalin” e “Testamento político”.

VAISMAN, Ester. Resenha de: NETTO, José Paulo; COUTINHO, Carlos Nelson (Orgs.) Gyorg Lukács, Socialismo e democratização– escritos políticos 1956-1971. UFRJ, 2008. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.28, 2009, p.175-177.

***Palavras-chave:*** Gyorg Lukács; Socialismo; Democracia.